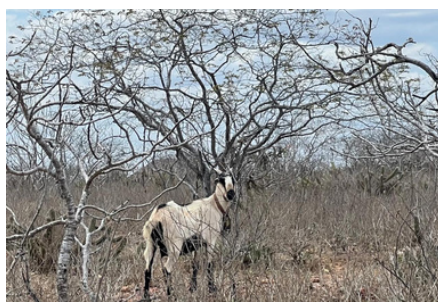


Paraíba

Riacho dos Reis, resistência na conservação das Raças Nativas do Semiárido

A comunidade Riacho dos Reis, localizada no município de Gurjão – PB, fica a uma distância de 18Km da cidade. O lugar tem destaque no Cariri paraibano pela conservação de Raças de Animais de espécies nativas, há mais de 50 anos. Preservam caprinos, suínos, ovinos, bovinos e aves resistentes no semiárido.

As famílias guardam caprinos das raças: Buggi, Nonato, Lombo Preto, Moxotó, Parda, Azul e Canindé, percebem que depois que as estradas novas foram feitas na comunidade, mais recentemente entraram a Boer e a Anglo Nubiana, introduzidas pelas fazendas. Identificam a raça Moxotó como uma boa produtora de leite, já a Buggi revelam ser boa para corte. Segundo José Adailton, morador antigo da comunidade, as raças nativas têm uma maior facilidade no manejo e têm menos gastos, “... Por exemplo, a questão das vacinas e dos remédios de verme, que só precisamos dá duas vezes ao ano, se for um animal de outras raças o gasto com esse tipo de coisa é frequente”, explica ele.



Essa comunidade se caracteriza por pequenas áreas de terra com as famílias agricultoras e por ser rodeada de grandes fazendas. As famílias para criarem, usam as terras de terceiros (latifúndios), ou seja, os animais passam o dia soltos na mata e no fim da tarde voltam para casa. Já os porcos vivem no terreiro das casas, soltos e andam por toda comunidade. As galinhas também são soltas no arredor das casas. Em relação aos bovinos, a rotina é de manhã tirarem o leite e soltam as criações, que voltam à tarde e dormem presas.

Quando perguntamos aos moradores se eles trocariam essas raças antigas pelas novas, eles respondem que não, dizem que as raças especializadas dão mais trabalho e são menos resistentes aos estresses climáticos. As famílias relatam que a raça mais antiga de bovinos é a Pé Duro, e até hoje é conservada, sendo uma raça muito boa para o corte de carne e tem leite bem gorduroso, bom para fazer queijo.

As pessoas que criam raças especializadas mantêm as criações trancadas e são do tipo leiteiras, no caso dos caprinos, quando muda o estilo da criação, geralmente, se aumenta as despesas, essa afirmação aparece na fala de todas as pessoas.

Segundo os moradores mais antigos, o manejo dos animais mudou com o passar dos anos, antigamente só se criava ovelhas “... ele dizia que bode roubava, por que eles pulavam as cercas, aqui era tudo cercado”, explica o agricultor Manuel Artur da Silva, ao lembrar do pai.

Até hoje, Seu Manuel cria ovelhas para aumentar o rebanho, ele usa a estratégia de comprar o reprodutor fora da linhagem caseira, para que as crias nasçam saudáveis e não sejam miúdas. Já a criação de caprinos ele explica que, deixa o “Pai de Chiqueiro” da própria linhagem porque acha que se trocar não tem um bom desenvolvimento e pode perder a raça.

Ele diz que as raças especializadas de caprinos não conseguem sobreviver na Caatinga, pois suas orelhas por não serem duras como as raças nativas se rasgam facilmente dentro da mata, por isso têm que ter outro tipo de manejo. Observa, que raças como Boer e Anglo nascem fracas e demoram a se levantar, se tornam presas fáceis para os predadores.

Já em relação aos suínos a comunidade relata que a raça criada solta é conhecida como “Pé Duro” e que a principal diferença entre essa raça e as especializadas é a consistência da carne, sendo a raça nativa mais gostosa porque a carne é macia. Afirmam que quanto mais velho o porco melhor a carne. Quanto as galinhas, destacam que a Sura tem carne macia e banha medicinal.



Com a chegada das cisternas do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), para as famílias da comunidade, através da Organização Coletivo Regional das Organizações da Agricultura Familiar do Cariri e Seridó, e da Articulação do Semiárido (ASA) a expectativa da comunidade é manter esse manejo de raças nativas, fortalecendo a produção de alimentos saudáveis e garantindo segurança alimentar das famílias.